



### **Alguns relatos de dificuldades retirados dos estudos:**

Passos (2015) *“Ai que legal! Você é da assistência social?”*, e eu digo: *“Não”. “Enfermagem, né?”. “Não”. “De que curso você é?”*. Eu não tenho problema nenhum se eu fosse da assistência social, mas no meu jaleco está escrito *Nigéria, MEDICINA!*” (p. 175).

*“Já me falaram que eu era a cara do Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL)”* (Estudante de Medicina)... *minha turma original era extremamente branca, só tinha três pretos, eu e mais dois*” (Santos, 2017, p. 43–44).

### **Algumas percepções podem ser observadas nos seguintes segmentos:**

*“eu falava muitas gírias demorei para me acostumar com a linguagem da sala de aula”* (Oliven & Bello, 2016, p. 9, tradução nossa);

*“por diversas vezes tentei me inscrever como bolsista em projetos de pesquisa na Educação Física. Meu perfil acadêmico não se encaixava nos pré-requisitos exigidos”* (Mayorga & Souza, 2012, p. 272).

*“uma impressão que eu tinha nessa época era que eu sempre tinha que estudar o dobro para conseguir o mesmo que outros/as alunos/as”* (Mayorga & de Souza, 2012, p. 270).

*“olha os negro folgado que roubam vaga dos outros. Depois disso, demorei mais de um ano para autodeclarar que tinha prestado vestibular pela política de cotas raciais”* (Brandão & Campos, 2020, p. 38).



### **Podemos verificar essas diferenças no relato de cotista racial:**

*“Normalmente eu só via pessoas negras quando voltava no final de semana pra casa” (Dias et al., 2020, p. 120);*

*“Mas o que é isso que você fez professor? não entendi. Ele respondeu: isso é comportamento de curva aprendi na sétima série se você não sabe eu vou fazer o quê?” (Gomes & Powell, 2016, p. 68);*

*“...passa lá na minha sala em tal horário que a gente vê o que vai fazer, vamos tentar sanar suas dúvidas... Em dois anos nenhum professor fez isso... O professor dá a matéria e você tem que “rebolar” pra passar” (Silva, 2019, p. 17);*

*“é melhor a gente voltar pra prova porque tem gente que não gostou da brincadeira [comentário racista]. Eu não gostei mesmo, fiquei muito irritado” (Gomes & Powell, 2016, p. 60);*

*“[seleção bolsa]...nunca eram escolhidos... já existia uma definição muito bem clara de quem ia ter mais oportunidades, os professores já ficavam olhando ali na sala de aula... muitos escolhiam simplesmente por afinidade e privilegiavam certas pessoas” (Lemos, 2017, p. 14).*



### **Alguns relatos de facilitadores e superação:**

*“fiz os dois ao mesmo tempo (cursinhos), o PUPT e o Dandara. Isso a semana toda. No sábado, tinha de manhã também... À tarde fazia inglês no Idiomas, que é um projeto também do estado” (Mongim, 2017, p. 150);*

*“Então tu tem que aprender como lidar com esse outro mundo. Porque eu sabia que eu queria estar aqui” (Passos, 2015, p. 172); “Os alunos de cotas tendem a ter maior apreço e confiança em relação às oportunidades que conquistaram ao ingressar na universidade” (Mello, Martins, Freitas, & Menezes, 2021, p. 11, tradução nossa).*

**Essa dedicação aparece ainda, motivada pela oportunidade de transformação social, pois servem como modelo e inspiração na comunidade, incentivando os alunos a irem para o ensino superior também (Reis, 2020). Expressam ainda, a vontade de fazer a diferença "ainda não sei em que área específica do direito, mas quero voltar para meu povo, fazendo um diferencial” (Souza & Barbosa, 2016, p. 89).**

**Como aponta Mayorga e Souza (2012), a ampla e rica experiência de ser bem-sucedido “se refere ao acesso à educação de qualidade, direito social, à formação e fortalecimento da cidadania, à formação de posição crítica que oriente suas escolhas profissionais, pessoais e coletivas, em um compromisso com o princípio da justiça social” (p. 273)**

**Atitudes de abertura para conversa e para sanar dúvidas de forma amigável, como encontramos em Silva (2019) na fala de um estudante cotista racial, que “se eu tiver alguma dúvida eu tenho a liberdade de passar na sala deles e dizer olha professor eu não sei como fazer esse exercício por onde eu posso começar?” (p. 16).**



**O cotista negro se sente excluído e isolado quando se depara com o olhar do outro, com a percepção de ser visto como diferente e que nunca será visto como os outros universitários (Cardoso, Rodrigues, & Santos, 2016), mas com a clareza de que esse é um caminho a percorrer “para um dia isso não acontecer mais” (Santos & Scopinho, 2015, p. 176).**

*“tinham mais pessoas negras, é claro que assim, a minoria né, mas assim fizeram toda a diferença falaram coisas relevantes coisas que fizeram a gente pensar de outra forma eu acho que faz toda a diferença” (Cardoso et al., 2016, p. 74);*

*“comecei a tomar consciência dessa coisa de preconceito depois que entrei na universidade... por causa dessa coisa de cota eu ouvia mais as pessoas falando sobre isso... As cotas a levaram a repensar sua experiência de ser negra” (Schwartzman & Silva, 2012, p. 42, tradução nossa).*

### **Discurso de um aluno não cotistas, com relato de novas percepções das relações como um**

*“choque social... têm alunos de alta classe trabalhando no projeto de extensão. Acho que deu uma oxigenada” (Santos, 2015, p. 122).*

*“Olha, eu gosto da mistura da minha classe. Gosto da possibilidade de ter como amiga uma menina que nunca precisou trabalhar na vida, para estar aqui hoje, e também ter aquela que trabalha desde criança” (Schwartzman & Silva, 2012, p. 44, tradução nossa).*